



Trabalho 19

A VIDA CABE NO CURRÍCULO?

MORAES, MARIA A. M. (1); MONTEIRO, SILAS B. (2)

(1) Faculdade de Enfermagem-UFMT; (2) Instituto de Educação-UFMT

Apresentadora:

MARIA AUXILIADORA MACIEL DE MORAES (dora.maciel@gmail.com)
UFMT (Professora)

Introdução: As escolhas de um ou outro currículo estão sempre apoiadas em posições teóricas - filosóficas que se adotam. Segundo Coyne [1], a origem teórica da prática da educação é largamente debatida a partir de duas posições: o instrumentalismo, também referido como conservadorismo, e o liberalismo. O autor explica que o instrumentalismo tem como origem os programas do Governo relacionados com a formação de profissionais direcionada para o mercado de trabalho, sendo reforçado pelo positivismo e cientificismo presentes em disciplinas influentes que perduram a força desses pensamentos no contexto educacional. Em relação ao liberalismo, o autor nos lembra que este modelo remonta à tradição liberal com Rousseau, no século XVIII, e, mais recentemente, no século XX, foi largamente defendido pelo filósofo pragmático americano John Dewey. Outra questão que o autor aponta é a crítica ao instrumentalismo, tema central da escrita pós-moderna, em virtude de ser fundamentado em uma ultrapassada epistemologia cuja visão carrega o peso de um ceticismo grave; também aponta para sérias limitações sobre o liberalismo, defendido por Dewey, pois a visão liberal, nos programas pedagógicos da década de 1960, em relação ao exercício da crítica foi teoricamente fraca para lidar com as incoerências e contradições do pensamento humano. Isso se reflete também nos currículos da enfermagem principalmente por priorizar a sua organização matricial a partir das políticas públicas de saúde e pelo dispositivo legal das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, CNE/CES, 2001)[2], que orientam para uma formação que atenda às necessidades técnicas-científicas da profissão voltadas para a lógica de organização do setor público de saúde e para as demandas das especialidades cooptadas pelo setor privado. O seu arcabouço é delineado por um agrupamento hierárquico de conteúdos e pelo modelo ainda disciplinar. E muitas vezes as mudanças pretendidas acontecem em relação ao tempo de formação, aos espaços onde desenvolvem as práticas de aprendizagem em saúde, às estratégias metodológicas de ensino a fim de compatibilizar o mais próximo possível com as exigências das políticas de educação e da saúde. Portanto, o currículo não é inócuo aos interesses políticos, sociais e econômicos e funciona como um guia cuja lógica é dinamizar uma formação a partir da ideia de generalização, na qual todos que ingressarem para a profissão terão um mesmo 'padrão?', conferido a partir de um ordenamento de conteúdos que são disponibilizados em escala progressiva e hierárquica de conhecimentos e habilidades com meta um tanto produtivista. Essa lógica tem sua origem, conforme escreve Silva [3], nos anos 20, nos Estados Unidos, numa época de industrialização e dos movimentos imigratórios que intensificavam a massificação da escolarização quando o currículo passou a seguir um modelo de racionalidade inspirada na teoria de 'administração científica' de Taylor cujo sistema educacional deveria ser tão eficiente quanto qualquer empresa econômica. E o modelo de conhecimento na saúde que reflete no currículo, ou vice-versa, apesar de diversos avanços, ainda apresenta uma força que mina as potencialidades singulares devido ao seu caráter instrumental e utilitário, o que incide diretamente nas práticas com os viventes. E pensar um Currículo Vida, numa perspectiva do Currículo da Diferença [4], é pensar a afirmação da vida. Objetivos: Refletir sobre o tema o Currículo Vida, tendo como base para análises o pensamento das filosofias da diferença. Descrição Metodológica: A pesquisa é de cunho teórico filosófico - educacional. A orientação metodológica segue um movimento que segundo Monteiro [5] advém do conceito criado por Jacques Derrida de Otobiografia. A partir desse referencial ele dinamizou os constructos teóricos, filosóficos e metodológicos para as pesquisas em Filosofia da Educação, aproximando as filosofias da diferença que têm o filósofo Nietzsche como base para o pensamento desconstrutivo. Para análise utilizamos a ideia de perspectivismo nietzschiano. Assim, essa tarefa segue numa perspectiva de não mais comparar um texto, interpretar, descrever ou mesmo explicá-lo, uma vez que não se pretende buscar dados que se assemelham pela identidade ou pela generalização. Pois o movimento é de se buscar o pensamento- fora do centro- da singularidade das coisas, a partir delas mesmas em seu devir, em seus estados de correlação de força.



30 DE AGOSTO A 01 DE SETEMBRO DE 2012
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA - UNAMA - CAMPUS BR
BELÉM (PA)

13º SENADEN
SEMINÁRIO NACIONAL DE DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM



Trabalho 19

Assim, essa trajetória visa buscar "o que se quer" quando o enfermeiro diz alguma coisa e não mais procurar o sentido no "o quê é" que o "sujeito" está dizendo na sua biografia, pois isso remete à busca da essência, da Forma ideal platônica ou da busca de sentidos que se convergem a partir da ideia do centro - Eu pensante. A Otobiografia é "ouvir" a biografia do enfermeiro egresso da UFMT, marcada por sua vivência singular. Resultados: A vivência biografada traz a ideia de fabricação de profissional a partir do currículo que segue um modelo de produção em série, onde cada disciplina se encerra em si mesma e não há nenhuma interlocução entre elas. O currículo é condensado em modelos de "caixinhas" que a cada semestre é distribuída uma pequena parcela do conhecimento que se quer fixar na formação do enfermeiro. Essas caixinhas hermenêuticas, não dialógicas demonstram nos semestres a força da especialidade que estão no centro da aprendizagem. O modelo de currículo em forma de "caixinhas" tal como fabricas =indústria fabril- de identidades pautadas em racionalidade médica apaga a singularidade do enfermeiro cuja potência é dinamizada nas formas de se afetar e rubricar uma insígnia em cada vivente. Assim, o currículo antes de se estabelecer em um documento textual é pensado num ordenamento de uma "constituição de si" normalizante. E ao caminhar à margem, a partir da Ciência Humana-Filosofia, encontro ressonância que martela e questiona: - É possível um currículo que permeia a força da VIDA, no qual o conhecimento insurge de uma potência da vida e não somente numa perspectiva da racionalidade médica, alheia aos instintos de afetação? Conclusão: A ordenação curricular cerceia toda e qualquer vontade de potência do enfermeiro, mantendo como prioridade o conhecimento científico com base nas disciplinas médicas, e as disciplinas da área das humanas acontecem com quase nenhuma força na reflexão desconstrutiva do pensamento. Isso permite manter a ordem normalizadora e padronizada dos modos de viver e conhecer na formação. Contribuição para a enfermagem: A filosofia da diferença permite reflexão sobre o currículo para formação do enfermeiro que escuta as diferenças e traz alegria e afirmação da vida - Currículo Vida - marginal ao discurso científico da biologia e da medicina, da tecnização, dos números excessivos que traçam o perfil dos doentes, mas se esquecem do vivente. Palavras Chave: Educação em Enfermagem; Currículo; Filosofia Referências Bibliográficas 1- Coyne R. Deconstructing the Curriculum. Radical Hermeneutics and Professional Education. Edinburgh Architectural Research EAR [periódicos na Internet]. 1996, [acesso em 18 jul 2011]; v.23. Disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/deconstructing-the-curriculum/id/46297738.html 2- Brasil